

ENTREVISTA

Entrevistadores:

Demilson Malta Vigiano

Gabriella Diniz Mansur

Yuri Mello Mesquita

Vilma Camelo Sebe

Formada em Biblioteconomia – UFMG

Trabalha no Arquivo Público da Cidade
de Belo Horizonte desde de 1994

Chefe de Divisão de Arquivos
Permanentes



Foto: Acervo APCBH

Apresentação

Na efeméride do aniversário dos 25 anos do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, a **REAPCBH** entrevista a bibliotecária e chefe da Divisão de Arquivos Permanentes da instituição Vilma Camelo Sebe, a servidora em atividade com mais tempo de casa. O objetivo é transmitir para o leitor os desafios e as transformações de um arquivo público na perspectiva de uma funcionária que viveu internamente todo esse processo.

REAPCBH pergunta: Belo Horizonte se tornou a capital do Estado em 1897. O Arquivo foi criado em 1991. Em que contexto foi criado o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte? Qual foi o envolvimento da Prefeitura?

Vilma Camelo Sebe responde: O Arquivo surgiu numa época em que não se tinha acesso à documentação produzida pela Prefeitura. Se alguém quisesse, por exemplo, saber sobre os gastos ocorridos na construção do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, não havia como fazê-lo. Os documentos eram inacessíveis.

Então, em 1989, criou-se a Secretaria Municipal de Cultura. Essa Secretaria ficou encarregada de criar um órgão responsável pela gestão de documentos da Prefeitura. Para isso, realizou-se um seminário com a presença de profissionais de várias instituições, tais como: o Arquivo Nacional, o IEPHA, o Arquivo Público Mineiro, a UFMG e outras instituições para discutir as bases em que o Arquivo seria criado.

Desde o começo, a Prefeitura de Belo Horizonte se envolveu e se empenhou decisivamente para o surgimento do Arquivo. Seja encaminhando projetos de lei para a Câmara, investindo recursos ou ainda envolvendo funcionários nesse processo.

REAPCBH p.: Como foi a formação profissional dentro do Arquivo? Com a criação do curso de Arquivologia o que muda? É importante a interdisciplinaridade?

Vilma Sebe. r.: A formação profissional aconteceu de muitas maneiras e em diferentes ocasiões. Em alguns momentos, vários profissionais foram convidados a ministrar cursos e oficinas no Arquivo. Em outros, os funcionários é que participaram de seminários, congressos, fóruns e conferências realizados dentro e fora do Estado. Alguns funcionários também fizeram cursos de especialização, e outros ainda participaram de cursos específicos, dados pelo Arquivo Nacional na área de conservação, organização, arranjo e descrição de documentos. Muitas vezes o investimento era feito pela Prefeitura, outras vezes pelo próprio funcionário.

Com a criação do curso de Arquivologia, passamos a ter, em nosso meio, profissionais formados e mais capacitados a tratar o acervo de documentos. O curso de Arquivologia nos possibilitou também a contratação de estagiários que têm dado uma valiosa contribuição ao Arquivo. A presença deles nos aproxima mais da Universidade e, com isso, podemos compartilhar com eles a teoria e a prática. Essa troca de conhecimentos é muito enriquecedora durante a execução das atividades.

A interdisciplinaridade é essencial dentro de um arquivo, pois nele lidamos com documentos de diversas áreas do conhecimento. Por isso mesmo, precisamos de profissionais de vários segmentos: advogados, pedagogos, arquitetos, historiadores, bibliotecários.

REAPCBH p.: O APCBH ao longo dos 25 anos enfrentou alguma dificuldade? Ocorreram mudanças?

Vilma Sebe r.: O APCBH, ao longo desses 25 anos, enfrentou e tem enfrentado muitas dificuldades. Ainda não temos uma sede própria e adequada. Este fato acaba gerando problemas como a falta de espaços apropriados para as áreas de recebimento de documentos e higienização. Também temos altas temperaturas nos ambientes de trabalho que, claro, interferem negativamente na produtividade dos funcionários. O prédio tem problemas relacionados a acessibilidade dos usuários ao Arquivo.

Temos dificuldade em adquirir materiais de consumo. Muitas vezes possuímos a verba, mas dependemos do processo licitatório que não encontra empresas interessadas em participar dele, devido às pequenas quantidades de materiais a serem adquiridos. Isso afeta o andamento do nosso trabalho.

O número de técnicos ainda é insuficiente para a execução das inúmeras atividades dentro do Arquivo.

Não contamos ainda com um plano de classificação de documentos. Isso dificulta a organização dos documentos tanto para os órgãos da Prefeitura quanto para o Arquivo. Também temos muitos problemas com o nosso banco de dados. Isso dificulta a disponibilização da informação.

Nos últimos três anos, no entanto, o prédio em que estamos, passou por várias melhorias como as áreas de guarda que ganharam estantes deslizantes, ampliando esses espaços.

Temos com uma área de digitalização de documentos que, em muito, contribui para a divulgação, o acesso e a preservação do acervo, bem como uma área de conservação de documentos mais bem estruturada;

Contamos ainda com uma sala de consultas com ar condicionado e mobiliários que proporcionam mais conforto tanto para os consulentes quanto para os funcionários. E estão previstos, até o final desta gestão, muitos outros melhoramentos como ampliação das áreas de trabalho e guarda.

REAPCBH p.: Ocorreu alguma mudança na Prefeitura de Belo Horizonte em relação ao Arquivo? A PBH está aprendendo a entender o papel da instituição?

Vilma Sebe r.: Muitas mudanças ocorreram e vêm ocorrendo nessa relação da Prefeitura com o Arquivo. Se pensarmos na quantidade de documentos e em seus mais variados formatos e suportes, que foram recolhidos ao Arquivo e que vêm sendo recolhidos atualmente, é porque essa relação se estreitou bastante, e a Prefeitura tem valorizado o papel do Arquivo que vem sendo cada vez mais reconhecido.

Se pensarmos no volume de investimentos que já foram feitos e que estão previstos até o final desta gestão, é porque a Prefeitura tem percebido o valor e a importância do Arquivo para a preservação, a organização e o acesso a seus documentos.

A Prefeitura tem, após a criação do Arquivo, segurança na hora de dar a destinação aos seus documentos, pois ela conta com uma tabela de temporalidade. Através dela, é preservado o que realmente deve ser preservado. Quando, por exemplo, um órgão era extinto ou as áreas de trabalho se encontravam cheias de documentos, eles eram encaminhados para depósitos. Hoje os documentos são encaminhados para o Arquivo onde são organizados, tratados e disponibilizados para consulta. Os cursos de sensibilização ministrados pelo Arquivo aos diversos órgãos da Prefeitura têm dado bons frutos.

Penso que tanto a Prefeitura, que é o produtor dos documentos, quanto os cidadãos comuns, as universidades, os pesquisadores, estudantes das mais diversas áreas, têm compreendido o papel e o valor do Arquivo, pois é crescente o número de trabalhos, monografias, teses, dissertações, que foram e vêm sendo feitos, utilizando as informações constantes na documentação recolhida ao Arquivo.